

ANTÓNIO PATRÍ-
CIO • DINIS E ISA-
BEL • CONTO DE
PRIMAVERA • • •

LIVRARIAS AILLAUD
E BERTRAND

ANTÓNIO PATRÍ-
CIO DINIS E ISA-
BEL CONTO DE
PRIMAVERA



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS-LISBOA

Do Autor:

OCEANO (versos) esgotado.

O FIM (História dramática em dois quadros).

SERÃO INQUIETO (contos).

PEDRO O CRU (drama em quatro actos).

DINIS E ISABEL Conto de Primavera.

A seguir:

POEMAS.

O REI DE SEMPRE (drama em cinco actos).

SHEHÈREZADE (contos).

CINCO DIÁLOGOS DE SONHO.

DINIS E ISABEL

CONTO DE PRIMAVERA

Desenhos de
SOFIA DE SOUSA

1.º MILHAR



Livrarias AILLAUD e BERTRAND

PARIS-LISBOA

Livraria CHARDRON

PORTO

Livraria FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

1919

*Tiraram-se desta edição
seis exemplares em papel bouffant inglês, fora do mercado.*

Todos os exemplares são cancelados pelo autor.

António Patrício

Dinis e Isabel é um conto de vitral em cinco actos. Nada de história e quasi nada lenda: só o milagre das rosas em motivo. É uma pequena tragédia, toda íntima, sem indicações de costumes ou scenários mais que as estritamente indispensáveis para situar um drama de consciências. A acção finda no quarto acto: ecoa, *em tragédia estática*, no quinto. *Pedro o Cru* é a tragédia da Saudade; *Dinis e Isabel*, a do homem que amou uma Santa, a de uma Santa. Chamei-lhe em subtítulo, à Shakespeareana maneira, *Conto de Primavera*, porque me pareceu resumir assim a intenção toda lírica do conto: — dar, dramatizada, uma visão de *Livro de Horas*, o sonho de alguém que uma manhã de primavera, entrasse numa igreja e adormecesse, sob a influência fulgurante dos vitrais.

Lisboa, 15, Maio de 1919.

A. P.

A MINHA MULHER

*And take upon us the mystery of things
As if we were God's spies.*

SHAKESPEARE.

*O mui namorado
Tristã sey bẽ q̄ nã amou Iseu
quãten vos amo.*

EL-REI D. DINIS

(Cancioneiro da Vaticana - 115)

DRAMATIS PERSONÆ

DINIS, rei de Portugal.

ISABEL, princesa de Aragão, sua mulher.

O BOBO, valido de Isabel.

O BISPO.

A AIA ARAGONESA.

O ARRAIS LEPROSO.

O LAVRADOR LEPROSO.

O LEPROSO MAIS MOÇO.

Outros leprosos, pagens, mendigos, gente da cõrte, etc.

EM COIMBRA.

ACTO I



QUADRO PRIMEIRO

Dia de Páscoa. Pátio interior da gafaria, ao romper de alva. É uma fossa nua, pedregosa. Contra o muro do fundo, uma escada que dá acesso ao pátio. De uma fenda do muro, rasando quási o chão da gafaria, sai uma figueira tôda verde. Sôbre o muro, dois guardas. Somem-se de quando em quando, logo voltam. Veem entrando leprosos: estão inquietos. Sente-se agitação em cada gesto. O céu é de assunção: azul puríssimo.

PRIMEIRO LEPROSO, **tocando as fôlhas da figueira.**

Olha a figueira. Como está tão tenra!... E não tem nojo — vê — posso beijá-la. Dá-se a um gafo como a um são: é boa, boa. Há poucos dias tôda encarquilhada; e agora apetece mordê-la de tão fresca...

SEGUNDO LEPROSO

Cheira a mulher à tua fome... hein?

PRIMEIRO LEPROSO, *aspirando-a.*

Cheira... É moça e forte. É a minha noiva. Nenhum de vós lhe toque... Durmo debaixo dela e que alguém venha... A voz das fôlhas diz-mo: acordo logo. É minha só: carne da minha carne...

Roca a cabeça, os braços na folhagem

SEGUNDO LEPROSO

Quere-te fugir, coitada, mas não pode. Está mais presa que nós na gafaria...

PRIMEIRO LEPROSO

Queria estreitar-me contra o tronco, queria... Tem os braços nodosos mas macios... E tem pena de mim como de um filho. Ontem choveu de tarde: choveu muito. Eu fiquei debaixo a consolar-me. Era um cair de lágrimas em mim, como se minha mãe chorasse ao ver-me. Se pudesse, sarava-me, que eu sei.

Os outros riem, um deita-lhe terra.

UM LEPROSO, *atirando-lhe com lama.*

Jóias... Toma jóias para a noiva...

OUTRO LEPROSO

É noiva ou é manceba? Vais ter filhos. Podes
contá-los. Vais ter mais de cem...

UM LEPROSO VELHO

É um par feliz, mesmo sem ir à igreja... Não
tem de mercar berços. Não precisa...

SEGUNDO LEPROSO, *tocando a pustula
da boca.*

Eu tos baptizo todos nesta pia...

PRIMEIRO LEPROSO, *voltado para a li-
gueira, sem os ver.*

Dizei pr'aí, dizei... Ela não ouve. Só me ouve
a mim: não quiere saber de vós. A cada dia baixa

mais os ramos p'ra buscar o meu corpo, p'ra tó-cá-lo. Tem pena, eu sei: quere-me por dó. P'ràs moças não sou gente, mas p'ra ela sou como um tronco velho que se mirra... E eu pago-lhe em amor, às noites beijo-a. Sinto frescura em mim. Dá-me família. E conversamos muito, conversamos...

O LEPROSO VELHO, *rindo.*

De que lhe falas? Hé!... Conta-te contos?...

PRIMEIRO LEPROSO, *num tom vago.*

Tem muita pena de não ter um ninho. Queria erguê-lo nos braços às estrêlas...

O LEPROSO VELHO

Hé! hé! Fala com ela, que tem mais paciência.

Deixam-no só. Estira-se no chão: queda a olhá-la. Alguns, como animais num fojo, rastejam sem falar. Outros, em grupos, gesticulam brusco, como se o ar pascal os embebedasse.

O ARRAIS LEPROSO. *É enorme. Tem uma gorra de lã, a barba branca.*

Se eu pudesse fugir p'ra ver o mar...

O LAVRADOR LEPROSO. *Trinta anos. Cabeça saudável, mal tocado.*

Eu era p'ra ver campos; p'ra ver terras... Por aqui nem passam andorinhas. Parece que teem medo, também elas...

O ARRAIS LEPROSO

Tu nunca viste o mar?

O LAVRADOR LEPROSO

Não, nunca vi.

O ARRAIS LEPROSO

Não te alembravam campos se o visses. Nada há mais lindo que deitar as rêdes. É a lavoura melhor que Deus nos deu.

O LAVRADOR LEPROSO

Eu queria ver a terra que amanhã...

O ARRAIS LEPROSO

A água do mar baloiça e reza: alenta. É um céu melhor, um céu que beija e canta. E nadar!... É mais do que voar. Tens braços-asas, quando uma vaga te levanta todo. O céu que vê o mar é o mais feliz. O outro, nas lagoas e nos rios, não se mira tão bem e não o embalam.

O LAVRADOR LEPROSO

Está tudo em flor agora pelos campos.

O ARRAIS LEPROSO

O mar está sempre em flor, mesmo de inverno. Tem a espuma das ondas como cachos, em cachos brancos, a ferver, a rir... Em cada onda — quem te dera vê-las! — há mais flores brancas que num mês de Maio. Tu sabes lá... tu que não viste o mar...

O LAVRADOR LEPROSO, *depois de uma
pausa.*

E os teus? Nunca falas dos teus, Não tens família?

O ARRAIS LEPROSO

Estou aqui há dez annos. Nem já sei. Só me alembra do mar: o mar é tudo. Tenho lá pai e irmãos. Isso sei eu. Se me deitassem ao mar quando eu morresse... Bastava-me isso só p'ra ser feliz. (*Num tom misterioso: em voz mais baixa*) Havemos de falar. Se pudermos fugir... Talvez te leve a vê-lo... (*Com uma expressão alucinada*) Que às vezes, quando o mal me atica mais, eu cuido que foi tudo um sonho mau, e que não há, não houve nunca, mar... Se eu visse alguém, alguém que não mentisse, bem queria perguntar-lhe. Mas a quem?

O LAVRADOR LEPROSO

Quem me dera saber da minha leira... e dos meus filhos... da mulher... Quem dera!... Um gafo é um morto-vivo que faz medo.

O ARRAIS LEPROSO

A mim que se me dá!... O mar é tudo. Diz-me o coração que ainda hei-de vê-lo. Tenho pisado cá dentro a minha esperança, como o vinho no lagar os lagareiros. De tanto o querer azul, só vejo azul.

O LAVRADOR LEPROSO

Eu, é a primeira primavera que aqui passo. E o que mais me dói, é que decerto os meus campos se gafaram, teem o mal também: estão como eu. A última vez que semeei, já estava assim...

O ARRAIS LEPROSO

A carne azul do mar é luz e sangue. Posso afundar-me nela qual me vês: e fica sempre pura, sempre azul. Depois de um naufrágio, os arrolados teem mais azul que mesmo Deus no céu.

O LAVRADOR LEPROSO

Eu vejo os milharais que eu amanhava tão desgraçados quási como eu. As espigas de pão ressumam pus, o olival em crostas... Como eu...

O ARRAIS LEPROSO, *misteriosamente.*

Verás, verás, se nós fugirmos... Logo que eu abicar na areia ruiva, o mar vai rir mais alto de contente... Eu falava às gaivotas, conhecia-as. Como em torno às tôrres das igrejas voam agora em Maio, as andorinhas, assim elas na praia à minha roda... As asas não teem medo, não se importam. Tanto tocam um gafo como as nuvens. Hás-de ver-me embrulhado em asas brancas.

O LAVRADOR LEPROSO, *como olhando dentro dele.*

Até os limoeiros do meu cido, até os limoeiros se chagaram...

O ARRAIS LEPROSO

Escuta. Aqui há tempos, não podia andar. As juntas tôdas a empedrar-se, e doíam, doíam como lume. E à noite, então, na minha toca, sabes o que eu sonhei? Não adivinhas?... Sonhei que era de pedra. Era um farol...

O LAVRADOR LEPROSO

Eu choro em sonho de me ver assim. Sou o semeador maldito. Não me curo. Deitei o mau

olhado às sementeiras. Terra onde eu pus as mãos,
é terra gafa.

O ARRAIS LEPROSO

O mar lava-te a alma, fica certo.

O LAVRADOR LEPROSO

Era a morte que eu queria, queria a morte.
Morrer num aí, como uma gota de orvalho...
Ir-me, ir-me assim, sem desgraçar a terra em que
me enterrem, e expiar no inferno o malefício...

O ARRAIS LEPROSO

É palavra de arrais a que eu te dou. Um
arrais — tu sabes lá! — é um rei do mar. Tôda a
minha companhia está a esperar-me. Há dez anos,
fiel, e eu hei-de vir... A *Voga-Sempre* é a minha
lança: é linda. É leveira, leveira: trepa às vagas e
vai mesmo na crista, que é milagre. Assim Nosso
Senhor ia no mar... Tu entras p'rà companhia. Não
te moas. (*Olhando os outros*) Anda mais p'rò largo.
Tu verás...

Afastam-se os dois falando baixo.

UM LEPROSO, num grupo

Se não fujo depressa, eu ensandeço. (*Olhando os guardas*) Não atremo ainda, ainda não sei... Mas seja como fôr. Eu estou por tudo.

OUTRO LEPROSO

Antes me matem que viver assim. Este morno do ar queima-me todo. É um bafo de mulher. Hei-de topá-la. Faz-me negaças, anda a rir sem bôca... Que importa que me matem se fôr minha, se lhe correr as mãos pelo cabelo...

OUTRO LEPROSO

Não há mulher que nos queira. Fogem tôdas. Quem pensas que é um gafo para elas? Um espantalho de chagas, nada mais.

O PRIMEIRO LEPROSO

Se assim fôr, deixa-o ser. Deixá-lo ser. Ainda é melhor tê-las assim, com medo, dando-se como mortas... meio mortas... Mordê-las como frutos, e cãfê-las. São só nossas depois. Ninguém se atreve.

Nos seios e na carne, em todo o corpo, os sete selos reais da gafaria... É melhor assim, ainda é melhor...

O SEGUNDO LEPROSO

Eu não espero mais. Há-de ser hoje. (*Olhando os guardas*) Ainda que tenha de torcer-lhes o pescoço... Preciso tê-las... tê-las...

O TERCEIRO LEPROSO, *uma expressão feroz de louco.*

Crianças... Eu sonho noite e dia com crianças... O tenro... a carne fresca das crianças... Não há igual... não...

Estaca a olhar o muro, como os outros. Isabel surge entre um pequeno séquito: o bobo, um pagem e três aias. Nos leprosos há pasmo e há terror. Um dos guardas diz: — «É a Rainha!».

ISABEL, *aos do séquito*

Quedai-vos vós aqui. Eu desço só.

Isabel desce levemente à fossa. Só o bobo a acompanha alguns degraus. Dezanove anos. É uma infanta de vitral. Dir-se-ia

impúbere em seu corpo de caule e olhos de flor. Serena como uma chama num ar calmo. Tem um sorrir que sara e persuade, como o aroma de uma rosa branca. Caminha para êles, simplesmente, Vésper feita mulher, sorrindo sempre. São êles que recuam, que tem medo, que se encolhem, misérrimos, atónitos.

ISABEL

Fugis de mim... que venho ver-vos. É Páscoa... Páscoa santa... Eu só vos quero. (A sua voz implora, ingenuíssima. Alguns param olhando-a com espanto) Vinha trazer-vos — estão ali no muro — carne de víbora e enxôfre para o mal. E vinha tão contente!... Se soubésseis... Queria voltar para vos lavar as feridas. Queria pedir-vos p'ra voltar, mas nem me atrevo. Fugis, fugis de mim... Julgais-me indigna? (Ao lavrador leproso) Não me quereis?...

O LAVRADOR LEPROSO

Alguém que vem assim, só nos faz medo. Antes um lóbo connosco, aqui na fossa. Alguém que vem aos gafos como vós...

ISABEL, *com fervor, unindo as mãos.*

Se vem Jesus, que está connosco sempre. E mais ainda hoje: é Páscoa santa. Um amigo de Jesus foi como vós. Simão... Simão o gafo... Não sabeis? Aos ouvidos de Deus, os sapos cantam. Cantam talvez melhor que os rouxinóis. (*Mais perto dele, com um timbre de voz que é maternal*) Dizei-me. Donde sois?

O LAVRADOR LEPROSO

Era de Celas. Agora nem já sei... Morro p'ra-qui.

ISABEL

Celas?... Passei por lá. Está toda em flor.

O LAVRADOR LEPROSO. *Na sua máscara trágica passa uma reminiscência de sorriso.*

Em flor?... Celas em flor...

ISABEL

Está tôda em flor. (*Silêncio breve. Os seus olhos refulgem de piedade*) Vou dar-vos flores de Celas. (*Ao bobo*)

As flores que lá cortámos. Dá-mas tôdas. (O bobo sobe alguns degraus, desaparece. Volta instantes depois, com uma braçada) Ides ver...

Recebe-as das mãos do bobo, ao pé da escada, e estende-as ao leproso a sorrir tôda.

O LAVRADOR LEPROSO

Não, não. Eu não lhes toco... Ia gafá-las...

Isabel, então, súbito grave, esfolha-as num gesto místico, sôbre êle; e depois sôbre os outros, sôbre todos, que nem tem tempo de fugir, quedam inertes.

ISABEL

Que destino melhor para as flores de Deus! É o destino que eu sonho, é o que eu lhe peço. Ser pisada por chagas, bem pisada... Esfolhar-se de amor por, sôbre gafos... Beatas, flores de Páscoa, sois beatas. E mais... e mais... e tôdas... tôdas... tôdas. Incensam melhor Deus que num altar...

Acabou de esfolhar. Há um pasmo orante.

ISABEL, *com uma doçura imensa.*

Já não fugis de mim?... Sou vossa amiga. Vê-de em mim uma irmã. Vinde falar-me... (*Ao lavrador leproso*) Qual é o vosso nome? Não dizeis...

O LAVRADOR LEPROSO

Manuel... Manuel Gafo...

ISABEL

Manuel... Tendes família em Celas?

O LAVRADOR LEPROSO

Mulher e filhos, e mãe... Tenho três filhos.

ISABEL

E é pequenino algum? Que idade tem?

O LAVRADOR LEPROSO

Era de mama quando eu vim. Ainda gatinha...

ISABEL

Heis-de vê-lo ao meu colo, ali no muro.

O LAVRADOR LEPROSO, *num soluço.*

Oh! Oh!... Sois mãe...

ISABEL

Quero-vos quási tanto como a vossa. (*Olhando em torno*) E aos outros, a todos. (*Ao arrais leproso*) Quem sois? Sois uma torre de olhos verdes: uma torre em que dorme uma sereia...

O ARRAIS LEPROSO *com uma grande ansiedade, a tremer todo.*

Dizei-me: há mar ainda? Como dantes?...

ISABEL

Como quando o Senhor passou sôbre êle. (*Fitando-o*) Eu sei: sois pescador... Há mar em vós.